

Illustração Portuguesa

DIRECTOR: Carlos Malheiro Dias — Propriedade de J. J. da Silva Graça — DIRECTOR ARTISTICO: Francisco Teixeira

Assinatura para Portugal, colonias e Hespanha	Assinatura conjunta do Seculo, Supplemento Humoristico do Seculo e da Illustração Portuguesa		
Anno.....	48000	PORTUGAL, COLONIAS E HESPANHA	
Trimestre.....	16000	Anno.....	88000
Semestre.....	32000	Trimestre.....	29000
		Semestre.....	45000
		Mez (em Lisboa).....	700

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS DE COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Rua Formosa, 43



Summario

Capa: UM BUSTO DE CRIANÇA, DE COSTA MOTTA (cliche de Benoit) * Texto: OS VENCEDORES DO RAID: COMO EU FIZ O PERCURSO, 10 illustr. * A FESTA ESCOLAR, 16 illustr. * OS JARDINS DE LISBOA: NA ESCOLA POLYTECHNICA, 12 illustr. * ESMOLA DE LUZ, 6 illustr. * A NOSSA TERRA: A FEIJA DE PONTE DE SOR, 2 illustr. * VIDA COLONIAL, 3 illustr. * FIGURAS E FACTOS, 2 illustr. * VIDA RURAL: AS VINDIMAS NA QUINTA GRANDE, 0 illustr. * FESTA DA MARINHA, 2 illustr. * AS INUNDAÇÕES EM SANTARÉM, 0 illustr. * MODAS, 1 illustr. * * * * *

UNION MARITIME E MANNHEIM
 Companhia de seguros postaes, maritimos e de
 transportes de qualquer natureza
 A companhia LA UNION Y EL FENIX ESPAÑOL, rua
 da Prata, 59, 1.º, effectua seguros sobre a vida mediante
 varias condições, inclusivé o seguro denominado POPU-
 LAR para o qual não é necessario certificado medico.

Directores em Lisboa: LIMA MAYER & C.ª
 ** RUA DA PRATA, 59, 1.º — LISBOA **

Discos SIMPLEX

De double face, os melhores pela sua ni-
 tidez e duração contendo o mais variado
 e moderno repertorio em musica e canto
 dos melhores auctores nacionaes e ex-
 trangeiros. Marca registada, propriedade
 exclusiva de J. CASTELLO BRANCO. ☞
 Preços excepçoes e grandes descontos
 para a venda no Brazil e colonias portu-
 guezas. ☞ Grande deposito de discos
 e machinas falantes. ☞ F'EDIR CA-
 TALOGOS a

J. CASTELLO BRANCO

R. de Santo Antão, 32, 34 e 82

☞ ☞ ☞ LISBOA ☞ ☞ ☞

Farinha **Nestlé**
 lactea

Preço 400 réis

36 medalhas de ouro incluindo a conferida
 **** na Exposição Agricola de Lisboa ****

Só não tem cabelo nem **Fazemos nasce**
 barba quem quer!!! **cabello aos calvos e bar-**
aos sem ella em 20 a 24 dias.
Garante-se que não é nocivo.

☞ Remette-se com toda a discreção +
 Muita gente, velha e nova, em uma para a barba e outra para o
 todo o mundo, deve-nos a barba cabelo, tem o preço especial
 bonita e o cabelo abundante. de 4\$420 réis.

Temos levado com o nosso **Com cada porção var um on-**
balsamo Mootoy a felicidade a milhares e milhares tificado de garantia, pelo qual
de pessoas. Um grande im- nos obrigamos a dar outra vez
pedindo recorreu a nós pe- do dinheiro recebido, se o pro-
do nosso auxilio e não de não der resultado a algum.
recorreu a barba de! **Se isto não fór verda-**
Homens notaveis e não notaveis, todos nos tem pagamos ao comprador
 vindo pedir o nosso concurso. Em todos os paizes da Europa e America, em muitos logares da Africa e da Australia é o nosso **Mootoy** conhecido e apreciado. Póde-se por isso dizer, com verdade, que gusa de fama universal.

O preço para o **Mootoy** é de **2\$545 réis por porção (uma porção chega perfeitamente).** O pedido de a porções.



MOOTOY DEPOT Dittmar Koelster, 3, Hamburgo, 10
 O maior e mais importante estabelecimento da especialidade da barba

Novo diamante americano

A mais perfeita imitação até hoje conhecida. A unica que sem luz artificial brilha como se fosse verdadeiramente diamante. Anéis e alfinetes a 500 rs., broches a 800 rs., brincos a 1\$000 réis o par. Lindos collares de perolas a 1\$000 réis. Todas estas joias são em prata ou ouro de lei. ☞ ☞ ☞ Não confundir a nossa casa

Rua de Santa Justa, 96 (Junto ao elevador)

Companhia
 ***** DO *****
Papel do Prado

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada
 Proprietaria das fabricas do Prado, Marianata e Gotreirinho (Thomar), Fende e Casal d'Hermio (Louza), Valle Maier (Albar) e garia-a-Velha. ☞

☞ Escritorios e depositos ☞
 LISBOA 270, Rua da Princeza, 276
 PORTO 49, R. de Passos Manuel, 51
 Ender, telegr.: Lisboa, Companhia Prado—Porto—Lisboa. N.º telephon 608



Seios

Desenvolvidos, reconstruidos, aformosados, fortificados com **** as ****
Pilulas Orientaes

O unico producto que em dois mezes assegura o desenvolvimento e a firmeza do peito sem causar dainno algum á saude. Aprovado pelas notabilidades medicas.
 ☞ J. Ratif, Ph. S, Passage Verdou, PARIS, Franco com instruccões, 1\$500 pa. Franco para vale do correio, enviando a J. P. Bastos & C.ª, 39, R. Augusta, LISBOA

COMPREM AS
SEDAS SUISSAS

Peçam as amostras das nossas SEDAS NOVIDADES em preto, branco ou cor, de 1 fr. 20 a 18 fr. 50 o metro — **Especialidades:** Estofos de sedas para tralho de passeio, de casamento, de bath e de «scrise», assim como para blusas, farras, etc. Vendemos directamente aos committidos e enviamos as encomendas solidas e enviadas aos domicilios francos de porto

SCHWEIZER & C.ª
 Lucerne Z. 19 — (Suissa)
 ☞ Exportação de sedas 64

OS VENCEDORES DO RAID COMO EU FIZ O PERCURSO

COMPREHENDO que seja natural, principalmente por parte dos amadores, a curiosidade de saber como eu ganhei o Raid, e a esse respeito vou dar, portanto, as seguintes explicações, aliás bastante singelas.

É legítimo que comece por falar do *Danubio*, o magnífico animal com que realicei toda a marcha, e que se portou sempre tão briosamente, dando, em todas as ocasiões, as mais completas provas de coragem e de resistencia. A elle cabe uma parte importante da minha victoria, e, de resto, após tão longa e dura jornada realisada juntos, fica-se com affecto a um companheiro tão fiel e leal.

O *Danubio* tinha sido comprado ao sr. conde de Fontalva, e como era destinado a tracção estava por montar ainda. Em fins de abril apresentei-o para minha praça, destinando-o a entrar no Raid, e até mais de metade de julho gastei o tempo a conseguir que elle supportasse cavalleiro, tendo sido, n'este ponto, ajudado pelo tenente Valladas, que no pica-deiro da Escola do Exercito tão amavel e serviçal se mostra sempre para os seus amigos.



O tenente Beltrão, vencedor da 1.ª secção do Raid

Em 20 de julho principiei a treinar o cavallo, fazendo quinze kilometros a passo e a trote, constituindo este ultimo andamento um terço da marcha. Ao fim da primeira semana elevei a vinte kilometros o percurso de treno, ao cabo da segunda passei a vinte cinco, da terceira a trinta e da quarta a trinta e cinco, conservando sempre quanto possivel a mesma proporção no andamento, isto é, dois terços da marcha eram feitos a passo e o outro terço a trote. Estes trenos eram diarios. Nas ultimas semanas andava ás segundas, quartas e sextas feiras entre quarenta a cinquenta kilometros, e ás terças, quintas feiras e sabbados vinte apenas, descansando aos domingos. N'estes andamentos obtinha a velocidade de nove kilometros á hora.

O presente systema de treno foi, comtudo, alterado em 6 de agosto, por eu ter sido nomeado para fazer parte dos exercicios de quadros que se realisaram entre as Caldas da Rainha e o Bombarral. Realisei, com a devida auctorisação, a marcha pela via ordinaria, e, tendo saído de Lisboa n'aquelle dia pela manhã, cheguei ás Caldas na madrugada de 7.



Os caminhos do Marão

Nos quatro dias seguintes andei cerca de quarenta kilometros diários, mantendo, porém, sempre a velocidade com que trenara.

Em 12 de setembro parei com os trenos, fiz n'esse dia ferrar o cavallo e esperei até 10 o início da prova.

Durante o treno nunca dei ao *Dambio* qualquer excitante ou medicamento. A sua ração diária era a regulamentar, composta de tres partes, uma de aveia, outra de cevada e uma de milho e fava, na quantidade total de 12 litros ou seja approximadamente 9 kilos. Quando o cavallo acabava de trabalhar usava os banhos de agua fria aos membros, encharcando-os bem e applicando em seguida a massagem até seccarem completamente.

Parti de Lisboa no dia 16, pouco depois das 2 horas da tarde, e cheguei á primeira etapa do Raid, em Torres Vedras, em companhia do alferes Callado, pelas 7 horas e 40 minutos da tarde, com uma velocidade media, portanto, de dez kilometros por hora.

Comecei n'este dia a fazer variar a alimentação do meu cavallo dando-lhe diariamente, por duas ou tres vezes, conforme as circumstancias o permittiam, uma ração misturada de 7 litros de aveia, 5 de cevada e 2 de fava. A totalidade de 14 litros, que estas quantidades perfazem, não é certamente uma ração abundante para um cavallo da corpulencia do *Dambio* em marcha, mas consi-

dero-a sufficiente. Por vezes dei-lhe tambem agua com algum assucar; só excepcionalmente, porém.

Pelo que toca ao tratamento, pode dizer-se que são os tendões que nos nossos cavallos reciamam especialmente maiores cuidados, não se podendo deixar de attender immediatamente tambem ás articulações, dorso e cascos. Quanto

aos tendões e articulações, servi-me, como durante o treno, dos banhos de agua fria seguidos de massagem aturada, empregando, além d'isso, a solução de alcool, therebentina e ammoniaco para friccionar exteriormente os tendões. Tive constantemente o maior cuidado com as quartellas e travadouros, as quaes diligencieei conservar sempre bem seccas, para evitar inflamações, que podem ser de deploraveis consequencias. Em relação ao dorso tratei de allivial-o, marchando a pé quando o achava necessario e adoptando o selim á hussard depois da primeira metade do trajecto. Como medicamento servi-me de lavagens de agua com vinagre. Temos, por ultimo, os cascos, de que cuidei sempre com muita attenção, trazendo-os bem untados, verificando amiudadamente a ferragem, e, em marcha, procurando invariavelmente as bermas e a parte mais macia da estrada. Note-se que conto com um cavallo robusto, bem proporcionado e com folego mais que necessario.

No dia 17 pelas 4 horas da manhã saí de Torres



Aideias assistindo á passagem dos cavalleiros



A cidade de Lamego

Vedras, na companhia do alferes Callado, em direcção ás Caldas da Rainha, onde cheguei ás 9 horas e 31 minutos, tendo mantido a mesma marcha do dia anterior. Depois de um descanso de sete horas parti para Alcobaça onde cheguei ás 10 horas da noite; marchei no dia seguinte pelas 4 horas da manhã em direcção á etapa de Leiria, pela qual passei ás 7 e 47 minutos, proseguindo para Monte Redondo, que atingei ás 10 horas e meia, dando ali descanso ao cavallo até ás 4 da tarde. A esta hora parti para a Figueira da Foz, onde cheguei ás 7 horas e 35 minutos, ficando lá. De novo parti em 19, sempre ás 4 horas da manhã, em direcção a Coimbra. Até Montemor-o-Velho fui

pela estrada ordinaria, atravessando ahi a váu um braço do Mondego para seguir o caminho da Moita, e cheguei áquella cidade antes das 8 horas e meia.

Dei ali quasi nove horas de descanso ao cavallo, partindo ás 5 horas da tarde para Oliveira do Bairro, onde chegámos ás 10 horas e meia da noite. Nesta localidade, apesar dos esforços empenhados pelo sr. M. Duarte, apenas encontrámos pasto de milho e milho em grão. Tinhamos andado mais de 260 kilometros, e por isso, reconhecendo que seria conveniente seguir a marcha com menos velocidade e conceder um descanso maior ao cavallo, parti ás 4 horas da manhã para Aveiro, onde cheguei ás 7 e 19 minutos, proseguindo ás 9 e meia para Estarreja, que alcancei ás 11 horas da manhã, descansando então ahi até ao meio dia immediato.

No dia 21, pela hora habitual, 4 da manhã, segui por Ovar até á Granja, onde cheguei pelas 9 e de onde parti ás 3 para o Porto. A's 4 horas e 40 minutos da tarde entrava no ponto do *contrôle* da capital do norte. Em todas as etapas fomos sem-



Uma hospedaria na serra de Alped-inha

pre primorosamente recebidos pelas respectivas commissões locais, sendo-nos em toda a parte dispensados os maiores obsequios: não posso, porém, deixar de citar em especial a commissão do Porto, attendendo ás relações pessoases que mantenho com os seus membros.

No dia seguinte parti á hora do costume para Penafiel, chegando ali, onde tive que fazer ferrar o meu cavallo das mãos, ás 8 horas e trinta minutos. A's 4 horas da tarde segui para Amarante, e exactamente quatro horas depois chegava a esta villa com o *Danubio* atacado por uma insolação. O pobre animal não comeu absolutamente nada, tinha a respiração bastante alterada, e cheguei a suppôr que teria por isso de interromper a marcha.

Foi com o cavallo assim doente que emprehendi a travessia do Marão, partindo ás 4 horas da manhã para Villa Real. N'estas condições decidi caminhar a pé, refrescando o dorso, rins e nuca do cavallo com agua e vinagre, e dando-lhe a beber, por vezes, agua com sulfato de soda até perfazer a quantidade de 200 grammas de sulfato. Tudo isto foi

feito em marcha, perfazendo eu com o cavallo á mão uma distancia de cerca de 44 kilometros. Difficilmente me esquecerá esta jornada e, como os cavallos teem uma excellente memoria, é provavel que o *Danubio* tambem a não esqueça por sua parte. Em todo o caso, a caminhada de madrugada pelo Marão e o tratamento fizeram-lhe bem. Quando ao meio dia chegámos a Villa Real estava melhor e comeu com appetite a ração.

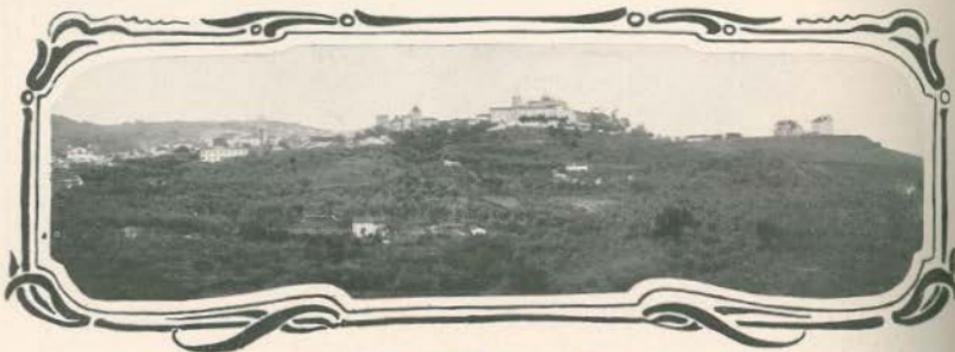
A's 6 horas da tarde parti, pois, para a Regua,



Os campos da Idanha

onde passei ás 9 horas, seguindo para Lamego, que alcancei pela 1 hora e 55 minutos da manhã. Até ao fim d'este dia tivemos de supportar, os concorrentes da primeira secção do raid, um calor excessivo, que nos obrigava a partir a marcha em duas partes, descansando pouco os cavallos de noite, e, apesar d'isso, vendo-nos forçados a apanhar de dia bastante sol, o que ao *Danubio* ia custando caro. N'esta manhã de 24 parti pelas 11 horas para Vizeu,

etapa alemtejana. Atravessámos o Tejo em barca a oeste de Castello de Vide, o que nos tirou o prazer de sermos recebidos pela commissão de Portalegre, que nos aguardava na estrada de Niza, e que por esse motivo tivémos, por nossa vez, que esperar a fim de se effectuar a pesagem e podermos depois seguir para Elvas. Chegámos a Portalegre ao meio dia e 45 minutos, e partimos ás 3 horas da tarde, fustigados por uma chuva insistente, para ir



A cidade de Portalegre

atravessando a serra. Fiz em V. Nova de Paiva um descanso de uma hora, para o cavallo comer e eu jantar, e cheguei áquella cidade á uma hora e 3 minutos da noite, seguindo no outro dia, pelas 10 horas da manhã, para a Guarda.

Antes de attingir Celorico da Beira, onde fiz alto por uma hora, apanhou-nos uma formidavel trovoadá, que me ficará de lembrança. Cheguei á Guarda á meia noite. Fui eu e os meus companheiros tenente Silva Reis e alferes Callado que ganhámos primeiro esta etapa, e d'ella por diante mantivemos quasi sempre o logar na frente dos outros concorrentes. Em 26, ás 10 horas da manhã, partimos os tres para a Covilhã, onde chegámos ás 4 horas e 9 minutos da tarde e onde tive de entregar aos cuidados do ferrador o meu cavallo, por se ter desferrado do pé direito. A's 6 horas partimos para o Fundão, onde chegámos tres horas depois, resolvendo pernoitar n'esta villa, para no dia seguinte seguir para Castello Branco. Sahimos ás 5 horas da manhã debaixo de uma chuva constante e chegámos ao meio dia e 35 minutos, partindo ás 3 horas da tarde em direcção a Portalegre. E' occasião de repetir que as commissões locais continuavam a dispensar-nos toda a qualidade de attentões e favores, e que um dos membros da de Castello Branco, o meu amigo sr. Luiz Fevereiro, tenente de cavallaria de reservá, nos deu, a mim e aos meus companheiros, uma magnifica hospedagem na sua herde da Coutada, até que, em 28, pelas cinco horas da manhã, retomámos a nossa marcha para a primeira

pernoitar a Arronches, onde chegámos ás 7 horas e meia da noite completamente molhados.

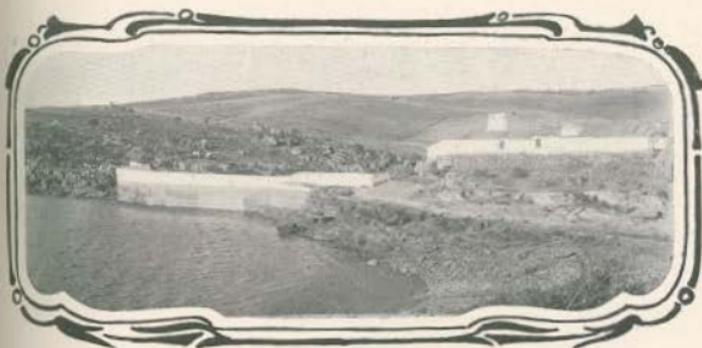
A's 5 horas da manhã segui para Elvas por Santa Eulalia, onde soube terem já passado alguns concorrentes, sendo por isso eu e o meu companheiro alferes Callado os segundos a alcançar esta etapa, a que chegámos ás 9 horas e 24 minutos da manhã do dia 29. O *Danubio* foi aqui ferrado dos quatro pés, e ás 2 horas da tarde partimos para Villa Viçosa, onde cheguei ás 6 horas e 10 minutos, seguindo logo para Estremoz, que attingimos ás 9 horas e 25 minutos da noite e onde descansámos.

Em 30 de setembro, pelas 5 horas da manhã, partimos para Evora-Monte, Azaruja e para Evora, onde chegámos ao meio dia e 7 minutos, seguindo ás 5 horas da tarde para Montemor-o-Novo, onde chegámos ás 9 e meia da noite. No dia seguinte, á mesma hora da manhã, partimos para Vendas Novas, onde chegámos ás 8 horas e um quarto da manhã, proseguindo, ás duas horas e meia da tarde, para a Quinta Grande, sede da etapa de Coruche, que alcançámos ás 5 horas e 25 minutos.



Abrantes

D'este ponto por deante comecei a apertar a marcha. Sai da Quinta Grande ás 11 horas para a Charnasca, chegando lá ás 8 horas e meia da manhã. Depois de almoçar, e descançar até á uma hora da tarde em casa do meu amigo Belard da Fonseca, segui, pelo Arripado e pelo Tramagal para Abrantes, onde cheguei ás 7 horas e 35 minutos da tarde. Deixei ahí o cavallo comer uns 10 litros de ração, e á meia noite parti em direcção a Lisboa. Pelas 5 horas da manhã passava na Golegã, ás 9 e 40 minutos em Santarem e ás 2 horas menos 20 minutos da tarde de 3 de outubro chegava ao Campo Grande. No fim do percurso, feito como o deixo descri-



Villa Viçosa: Laçõa de Albufeira

reconheci que poderia ter realizado o raid em menos dias, se não fôra a minha inexperiencia, e, além d'isso, que o *Danubio* se achava em estado de andar ainda muitos mais dias.

O meu cavallo parece até, que se havia já acostumado á vida meio nomada que levavamos ha bons dezasete dias, e nem sei mesmo se elle não teria acabado por comprehender que o brio de nós ambos estava empenhado na marcha que vinhamos fazendo. Não só os cavallos teem, como já disse, uma memoria feliz, mas são tambem animaes essencialmente inteligentes, e não faltam os exemplos confirmativos.

Uma prova, mesmo, nos offerece o que aconteceu com o actual Raid. De meio caminho ou pouco mais por diante os cavallos tinham a percepção perfeitamente nitida de quando nos approximavamos de qualquer etapa, e era sabido que adquiririam logo outro ar, assumiam maior soberbia, e mostravam-se satisfeitos, começando quasi sempre a relinchar alegremente. Fazia gosto vel-os entrar nos pontos de controle! E deve notar-se que quando se tratava de qualquer outra localidade intermedia, em que tinhamos de fazer paragem, nunca os cavallos manifestavam qualquer impressão ou attitude especial. Como advinham elles a approximação das etapas, e as não confundiam, como seria natural e explicavel então, com as outras terras onde nos demoravamos para descançar? Devia ser talvez pela animação e ruído, que a recepção festiva, que por toda a parte nos fizeram, determinava sempre. Não me é facil encontrar outra explicação. Mas, seja ella qual seja, o que é facto é que se produziu invariavelmente á mesma coisa desde um certo numero das primeiras etapas por diante.

Não dou, de resto, grande novidade a quem ande habituado a tratar com cavallos, que deve estar farto de conhecer exemplos semelhantes ou parallelos, demonstrando todas as incontestaveis facultades de intelligencia que este nobre e generoso animal possui.

Aqui está como realisei o percurso de 1:360 kilometros que constituia o itinerario marcado para o raid, e como ganhei este. Podia, estou hoje convencido d'isso, ter feito a marcha em menos dias, mas este foi o primeiro raid que se realisou no paiz, e por isso não estavamos bem preparados para elle. Serviu-nos, porém, para aprendermos, e n'outro que se siga a este já as coisas se passarão de outra maneira.

No dia seguinte ao da minha chegada fui ao parque do sr. conde de Fontalva, sem idéa de concorrer ao premio offerecido pelo illustre *sportman*, visto o *Danubio* não estar preparado para entrar n'um concurso de saltos, mas para mostrar que o meu cavallo regressava em optimo estado, podendo, se tivesse sido preciso, continuar o esforço que acabava de produzir de um modo tão brilhante e notavel.

Depois dos concorrentes que apresentaram os seus cavallos a saltar, terem feito os respectivos percursos, o sr. conde de Fontalva fez o favor de dizer-me que nada queria receber da importancia estipulada como preço do *Danubio*. Esta extraordinaria gentileza de s. ex.^a representa, pois, mais outro premio de um cavallo de subido valor, que o distinctissimo amator dedicou á actual prova. Registo este acto do sr. conde de Fontalva aqui para lhe apresentar o meu sincero agradecimento, deixando a outros a tarefa de fazer-lhe o elogio que elle merece.

Creio ter juntado, n'este artigo, todas as informações e pormenores referentes á forma porque fiz o recente raid hippico, que possa interessar conhecer aos que se consagram a este nobre sport. São ellas ainda por vezes, resumindo-se, em grande parte á indicação das horas de saída de uma etapa e da chegada a outra. O valor d'este detalhe não pode escapar, porém, aos amadores de coisas de cavallos, que nas respectivas cartas do percurso podem estudar a marcha que fizemos, conhecendo o tempo que n'ella gastámos, e tirar d'ahi suggestivos ensinamentos por certo. Foi a este fim que quiz corresponder acedendo ao convite da *Ilustração Portuguesa* para contar nas suas paginas o modo como ganhei o raid por ella promovido.

LUIS TEIXEIRA BELTRÃO.



(CLICHÉS DE BRNOLZEL)

A FESTA ESCOLAR



A festa escolar de Lisboa, que este anno se realisou na sala do Risco do Arsenal de Marinha, congregou n'aquelle vasto recinto quatro mil creanças ajegres e exuberantes de vida, cuja agitação e garulice constituiu o mais interessante e animado espectáculo que pôde prever-se.

Torna-se escusado dizer que a festa decorreu en-



O Principe Real presidindo á festa na sala do Risco

—Um collegio feminino—A concorrência, dentro do Arsenal



thusiastica. Quem o pôde duvidar sabendo que é a pequenada quem a faz,—e uma festa propriamente d'ella, algo diversa da do programma official, decerto, mas, em compensação, mais espontanea e curiosa.



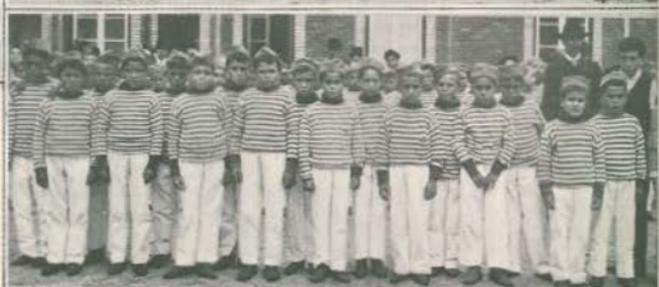
O sr. presidente do conselho e ministro da guerra, membros da commissão organisadora e algumas das creanças premiadas

—Grupo de alumnos da classe de gymnastica—A menina Julieta da Conceição Lopes e o menino Fernando Alves Pereira, que recitaram o dialogo em verso A Bandeira, do sr. Marinho da Silva

—O sr. presidente do conselho distribuindo bolos ás creanças—Dirigindo-se para a sala do Risco—A floda a velocidade



No meio dos varios agrupamentos escolares da capital reunidos na sala do Risco, destacavam pela uniformidade dos seus vestuarios simples e alegres os alumnos de gymnastica, encarregados de fazer a guarda de honra.



Grupos de crianças e de professores, dos dois sexos, aguardando a entrada na sala do Risco
(CLICHÉS DE BENOLIEU).

OS JARDINS DE LISBOA NA ESCOLA POLYTECHNICA

TINHAMOS pro-mettido aos leitores da *Illustração Portuguesa*, quando, no periodo da floração das orchideas, lhes falamos aqui da primorosa collecção de plantas da Escola Polytechnica, dizer-lhes depois algo do Jardim Botânico de Lisboa. Mas, a necessidade de sacrificar as nossas paginas aos assumptos de actualidade forçou-nos a ir adiando o cumprimento da promessa feita, até agora. D'aqui por diante é que não cabia já maior delonga. Os jardins, como as mulheres, mudam as suas *toilettes* com as estações. A decoração estival dos seus canteiros modifica-se radicalmente quando chega o inverno. Ha muitas flores que necessitam do sol para aquecel-as, e que morrem com o frio, á falta de calor e de aconchego. Era por isso indispensavel que, na despedida do verão, mostrassemos os aspectos tirados do jardim durante a estação que finda. Com novembro, que vac entrar, chega o tempo dos chrysanthemos.

O Jardim Botânico de Lisboa, — o jardim da Escola, como se diz usualmente, — é, sem cuida, o mais formoso dos jardins publicos da capital, pela variedade que oferece, de scenas paizagistas, creadas com o auxilio de vegetaes pertencentes a todas as floras do mundo, pela opulenta mistura de arvores e plantas

exoticas dos caracteres mais variados.

Toda a flora dos paizes temperados quentes,—da Australia, do Cabo, da China, do Japão, da California, do Brazil, do Mexico, —apresenta-se, por exemplo, n'uma vasta serie de exemplares. E todas essas especies, geralmente desconhecidas, apezar das suas origens tão diversas e distantes, convizinham sem se prejudicar.

Ha arvores colossaes, cuja aristocracia é representada pelas admiraveis palmeiras, numerosas, dispersas por toda a parte, e que formam, principalmente, uma soberba rua, na entrada inferior do jardim. Ha arbustos graciosissimos, e pequenas plantas gentis, constituindo bonitas guarnições e bordaduras. D'estas, não deixaremos de citar, nas decorações estivaeas d'este anno, o *pyrethrum*, cujas folhas numerosas, parecendo frisadas, formam uma roseta compacta, amarello doirada, do centro da qual surgem delicadas flores brancas, com o centro amarello, dispostas em *corymbo*. No meio das linhas, que o *Pirethrum* traçava nitidamente, ás margens das ruas, erguiam-se os esguios bambús e as cannas indicas, que fazem embrar, pelo delicioso colorido das suas flores, as proprias orchideas.

O creador do jardim disciplinou a imaginação ao quadro natural do ter-



O Chorão sobre o lanque grande—O lago



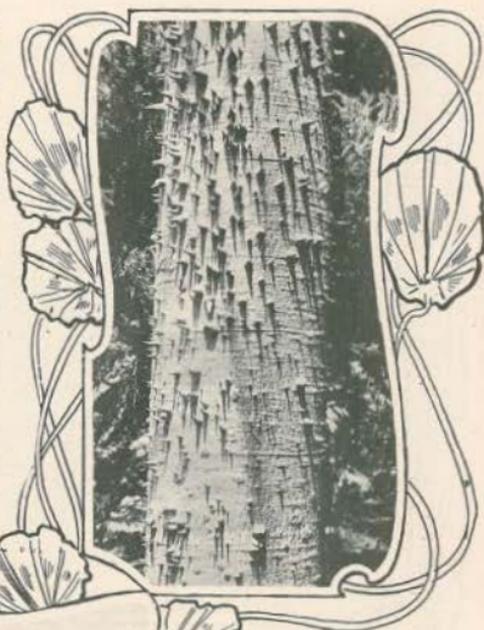
Guarita de guarda sob palmeiras

Rua do jardim: Bambus e Cannas indicas começando a florir, com guaranição de Pyrethrum

reno e ao relevo do solo, obtendo assim efeitos de natural pittoresco. O sitio não se prestava, de nenhum modo, para a adopção do estylo symetrico, de resto abandonado desde o fim do seculo XVIII, e parecia disposto de proposito, pelas assentadas irregulares do terreno, em ascensão successiva desde a praça da Alegria até á rua da Escola Polytechnica, quasi desde a cidade baixa até á sua parte alta, para o estabelecimento de um magnifico jardim inglez.

Em canteiros regulares, no andar superior, estabeleceu-se a escola botanica propriamente dita, juntando as especies vegetaes pela ordem systematica. Em baixo, descendo pelo entrecruzamento caprichoso das numerosas e variadas ruas, sob arcadas de arvoredos, contornando tanques, obliquando sobre o lago, aproveitaram-se habilmente todas as alterações de terreno para crear os mais bellos trechos de paisagem vegetal. E hoje um jardineiro emerito, que é tambem um distincto escriptor horticola, o sr. Henri Cayeux, com um inextinguivel amor e rara sciencia, cuida apaixonadamente esse bello jardim, aformoseando-o cada vez mais, a cada estação que chega.

Nos canteiros da collecção de estudo, completa e preciosa, os olhos dos amadores são detidos logo pela serie magnifica de cactos, na qual destacam alguns exemplares da America austral, exceptionaes pela sua



pujança, pouco vulgar na Europa, e o singular *cactus serpentinus*, do Mexico, cujo nome se apropria bem á sua fórma assimilavel á de uma serpente enroscada.

Mas, ao fundo da escada, que desce para baixo, interrompida ao meio por uma plantação de roseiras, é que se encontra, n'uma larga chapada de terra em declive, a rica collecção de plantas gordas, que constitue um dos mais ornamentaes canteiros do jardim. Os cactos anões e disformes, ericados de espinhos; as inflorescencias dos aloes; as pontas aceradas das agaves; as flores nevadas das yuccas, que o dia fatiga, mas que fundem sob o velario da lua em uma prata luminosa; varias outras plantas carnosas; encontram-se ahí todas associadas, produzindo um admiravel effeito.

Entre as arvores mais imponentes do jardim, pela sua altura e opulenta copa, que tolda uma extensissima area, a mais interessante, por ser um exemplar curiosissimo para o estudo dos meios de defe-

Tronco de *Chorisia* da Indo-China, para mostrar a disposição dos aculeos
— *Chorisia speciosa*, do Brazil



za no reino vegetal, é a *chorisia speciosa*, indigena do Brazil, cujo tronco é, desde certo ponto para cima, todo revestido de terríveis picos, que impedem qualquer animal de trepar aos seus ramos superiores.

Succede o mesmo com as outras especies do genero, e de uma d'ellas, originaria da Indo-China, de que existe tambem no jardim um exemplar, mais novo, damos a photographia de uma parte do respectivo tronco, pela qual pode fazer-se idéa da fórma e disposição dos aculeos.

O grande exemplar da *chorisia* brasileira, que está situado logo sob o terraço superior, ao lado esquerdo, tem uma historia curiosa, que é ainda lembrada pelo pessoal do jardim. Quando veiu começou a tratar-se da sua aclimação na estufa, com todos os cuidados que merece uma especie valiosa como aquella. Mas a pequena arvore pareceu decidida a não corresponder ás atenções desveladas de que era alvo. A principio não andava para traz nem para diante; depois, ao cabo de cerca de dois annos, manifestou signaes de mal estar evidente. O sr. Daveau, que era então, salvo erro, o jardineiro da Escola, desesperado pelo insuccesso, mandou então transferir a planta, que ameaçava morrer, da estufa para um canto do jardim, ao ar livre. Foi então que, com grande surpresa sua e de todos, a arvore enfezada e rachitica começou a vigorisar-se, a engrossar, a crescer,



Passagem para a parte superior do jardim
— Grupo de Palmeiras da California, com portuguezas de vassouras

até tornar-se por fim o enorme e soberbo exemplar que actualmente se admira no jardim.

A cada volta de rua encontra-se, porém, um novo motivo de interesse, um differente aspecto, uma planta curiosa. Nos tanques, a um dos quaes serve de docel o mais bello chorão que até hoje temos visto, são as plantas de agua, o golpho de folhas gigantescas, o nenuphar de flôres brancas ou amarellas, e varias outras. No arvoredor,



do, são as manchas de elegantes arvôres resinôsas, sempre de um grande effeito ornamental. Nos canteiros, é a variedade das plantas vivazes ou annuaes, graciosamente associadas segundo as regras da mosaicultura. Aqui, é o admiravel grupo, que reproduz uma das nossas photographias, de palmeiras da California, com portuguezas de vassouras ao lado. Ali, é um grupo de fetos, que apresentam as formas mais diversas de caules e de frondes, ou magnificos cachos de flôres de trepadeiras, que pendem de uma parede.

Onde nos levaria, porém, o desejo de citar as plantas celebres do jardim ou de descrever os seus aspectos mais pittorescos? Nem a tarefa seria facil, nem o espaço de forma alguma o poderia comportar.

Ha em Lisboa, por certo, outros bellos jardins; mas o da Escola Polytechnica é o mais bello de todos, aquelle que constitue o mais agradável de todos os nossos passeios publicos. Por isso, tambem, deve dizer-se que é um dos mais concorridos. E seria deixar de acentuar uma das notas mais caracteristicas do jardim da Polytechnica, se não dissessemos mais que elle é o sitio preferido dos namorados e amôrosos.

Quantos idyllios se teem desenrolado sob aquellas arvôres

Cactus peruvianus, da America austral, e *C. serpentinus*, do Mexico
—*Cactus sublanatus* e *C. euphorbioides*, ambos da America austral



clementes, que quasi parece terem nascido e enfolhado de proposito para protegel-os, é o que ninguém será capaz de calcular jámais. Quantas ternas confissões e protestos de affecto se teem trocado, com aquellas flôres por discretas testemunhas, nem ellas proprias já lhe dão com a conta. De modo que, á sua propria poesia, o jardim da Escola junta ainda a poesia da sua encantadora tradição amorosa.

E não é pouco n'uma terra como é esta terra portugueza, tão cheia de amor como de sol, onde a flôr do sentimento nasce, se desabotoa, e cresce, desenvolvendo-se em côr e redolencia, como as da campina prolifica, que maravilha rara é quando se não matisa, espontanea, de pequenas margaridas e orchídeas rusticas.

Não admira de tal sorte, pois, que o jardim da Escola Polytechnica seja o mais querido e o mais estimado da população da capital.



Entrada da rua das Palmeiras
— Flôres em botão

(PHOTOGRAPHIAS DE VALERIO DOS SANTOS.)

ESMOLA DE LUZ

LIVROS ESCOLARES DISTRIBUIDOS
PELO «SECULO» ÀS CRIANÇAS POBRES



arranjassem os compendios que precisava e não tinha meio de adquirir. O jornal fez o pedido, e como consequencia appareceram livros a mais, é certo, mas juntamente novas requisições tambem, centenaes d'ellas, ao cabo de poucos dias milhares. Mas aquella idéa infantil de vir ao *Seculo* pedir uma esmola de ensino e de luz nascera seguramente em uma boa hora, pelo admiravel movimento que originou. Ao apello feito acudiu, do modo mais pressuroso, a caridade intelligente dos que pôdem ter o doce prazer de fazer o bem, e—detalhe para enternecer—respondeu tambem o sentimento das proprias creanças, desfazendo-se dos seus livros já usados, para serem servidos com elles outros mais novos a quem pudessem aproveitar.

COMO nasceu a bella iniciativa do *Seculo*, de fornecer os livros escolares ás creanças pobres, foi uma coisa bem simples, afinal de contas. Lembrou-se um pequeno de dirigir-se á redacção para que lhe



Um pretendente

— A distribuição dos livros n'uma sala da redacção
A' porta do *Seculo*



Um montão de crianças na praça do Seculo



Em uma sala de espera da redução.

A romaria quotidiana ao *Seculo* durante as duas ultimas semanas, por causa dos livros, constituiu um espectáculo feito na verdade para commover.

Foram fornecidos d'este feito livros para estudar a alguns centos de creanças. Oxalá que esta bella sementeira floresça e fructifique abençoadamente.



A' espera de ser servidos

A NOSSA TERRA

A feira de Ponte de Sôr



Largo da Praça, em Ponte de Sôr

—Vista da rua Grande, em Ponte de Sôr



VIDA COLONIAL

O HOSPITAL DE BENGUELLA



12 quartos particulares e enfermarias, foram reorganizadas a secretaria, a casa mortuaria e a pharmacia foi fornecida de modo a ser a primeira da provincia. Para estes melhoramentos tambem muito concorreu o tenente-coronel Eduardo Costa, n'esse tempo governador de Benguella.

Mais tarde, em 1904, o conselheiro Custodio Borja, autorizando as despezas necessarias a certos melhoramentos de que o hospital carecia, fez com que elle fôsse considerado o primeiro de todo o littoral occidental africano. N'esta curta resenha não devemos esquecer o actual director do hospital, maior Francisco Garcia, que pela sua competencia e trabalho tem conseguido que este hospital seja justamente elo-



REPRODUZIMOS hoje as photographias do hospital de D. Carlos I, em Benguella. E' um vasto edificio de fórma polygonal e a sua construcção absolutamente moderna satisfaz por completo ás exigencias da hygiene hospitalar dos paizes quentes. Este estabelecimento honra todos aquelles que comprehendendo a sua enorme utilidade se empenharam e se esforçaram para a sua realisacção. Foi construido pela iniciativa do conselheiro Francisco Cid, então governador de Benguella.

Acabado de construir em 1896, já não correspondia a todas as exigencias que a sciencia impunha. E, em 1902, sob o governo do conselheiro Cabral Moncada, foi completamente restaurado. Foi então dotado com uma magnifica sala de operações, com um laboratorio chimico-bacteriologico, com novo mobiliario para



*A enfermaria dos sargentos vista do topo—Sala de operações
—Enfermaria dos europeus*

giado por todos quantos o teem visitado. Ultimamente, por occasião da viagem do Principe Real, foi este hospital artisticamente enfeitado pelo seu director, apresentando um aspecto encantador.

FIGURAS E FACTOS

EDUARDO DE NORONHA.—Com o título bastante moderno *De Automovel*, Eduardo de Noronha, que é um escriptor incançavel, acaba de publicar mais um livro de deliciosos contos, originaes seus uns, seleccionados os outros dos melhores auctores estrangeiros do genero com apurado gosto.

A reputação do talento de Eduardo de Noronha está estabelecida de ha muito, e firmada bem solidamente n'uma larga serie de livros em que a sua penna se tem successivamente exercitado, sempre com rara felicidade, pôde dizer-se que em todos os generos litterarios. Como jornalista, as suas varias qualidades estão egualmente provadas do modo mais indiscutivel, garantindo-lhe hoje na nossa imprensa um dos logares mais lisonjeiros e evidentes.

Este seu novo volume, na parte que directamente lhe pertence, constituida por oito descrições e narrativas, cheias de interesse, delineia-las n'uma prosa vigorosa, mas elegante, não é, pois, mais do que

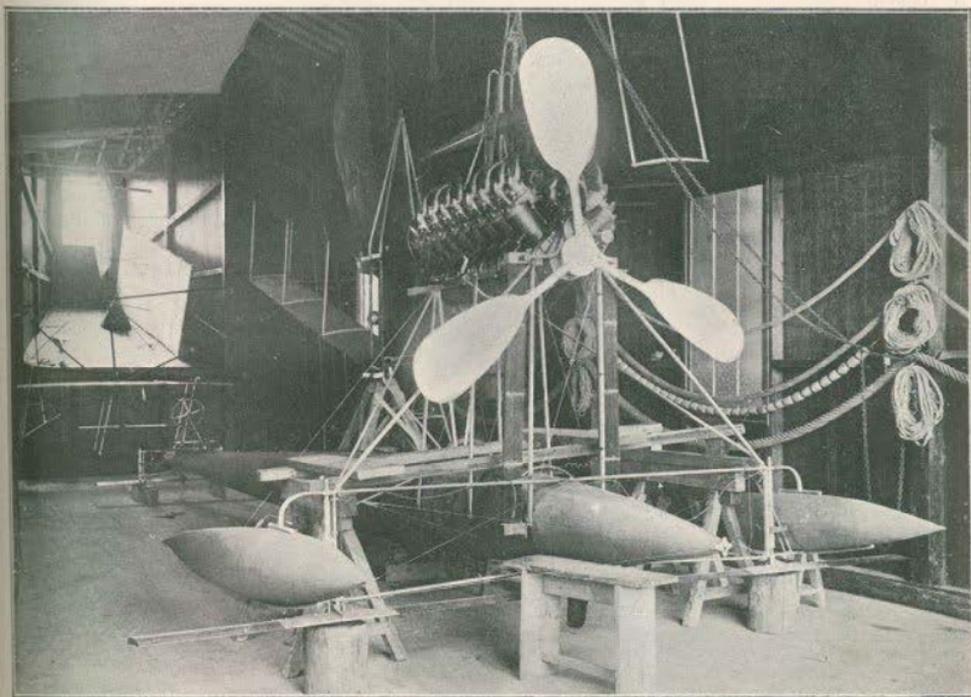


Eduardo de Noronha

a confirmação dos vantajosos creditos do escriptor. Acrescentalhos, mesmo, opulentamente, deve confessar-se sem favor.

O que mais assombra, porém, em Eduardo de Noronha é a intensidade do seu trabalho e a abundancia da sua produção. Chega a parecer verdadeiramente extraordinario como em tão poucos annos o distincto escriptor conseguiu formar uma bibliotheca tão vasta como a sua, composta de romances, collecções de contos, narrações historicas e estudos coloniaes, não falando já na grande copia de traducções, requintadamente acuradas, que correm com o seu nome.

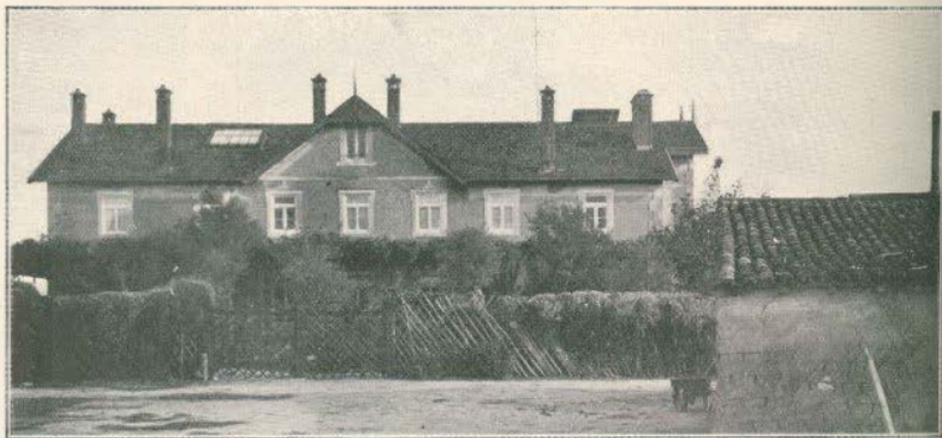
SANTOS DUMONT.—O talento do distincto engenheiro brasileiro, que os seus estudos sobre a navegação aerea celebrisaram tão justamente, acaba de dar uma nova demonstração da sua pujança e da sua pluralidade de aptidões, com o hydroplano, cujas experiencias se verificaram recentemente.



O hydroplano de Santos Dumont, com o seu motor Antoinette, preparado para os ensaios

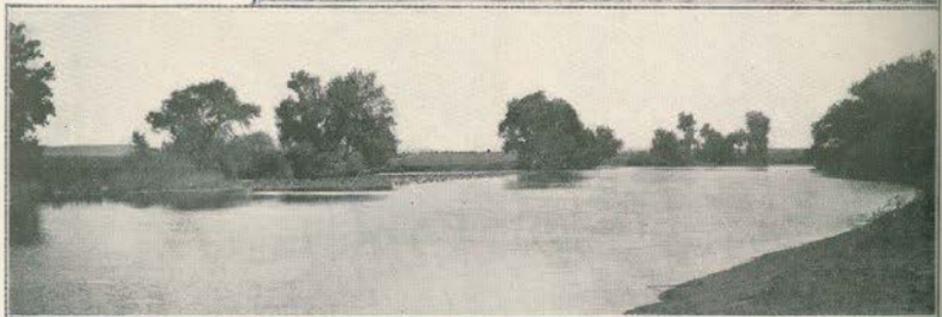
VIDA RURAL

As vindimas na Quinta Grande



QUANDO OS concorrentes do raid hippico passaram na etapa de Coruche, na Quinta Grande, onde fôra estabelecido o ponto do contrôle, ia a grande azafama das vindimas, que é sempre uma das fainas mais activas e interessantes em qualquer propriedade rural.

Desde que a epoca da colheita se approxima começa no vinhedo uma animação extraordinaria: é preciso preparar o vasilhame, os cestos e carros, verificar o funcção



A casa da Quinta Grande

— No ponto do contrôle do raid, junto da estação do caminho de ferro

— O Lago do Mouro, lagôa situada dentro da Quinta Grande



namento das prensas, contractar vindimadores.

Depois, quando chega o dia aprasado, mal que amanhece parte tudo para a vinha, e desde os primeiros raios do sol nascente começa a colheita, que é feita á uavalha ou com uma tesoura especial, para evitar que o cacho tenha de sofrer os choques violentos. Homens, mulheres, creanças, tudo trabalha. A uva é, em seguida, transportada em cestos para os carros, e n'estes para o lagar.

A cultura da vinha na Quinta Grande é e tem sido uma cultura accessoria, visto que as principaes culturas no magnifico dominio são a dos cereaes nas terras ricas de alluvião marginaes do Sorraia e a dos sobreiros nos terrenos pobres dos arneiros. Em todo o caso, a vinha tem ali tomado um certo desenvolvimento desde que o actual sr. visconde de Coruche, que é um agronomo muito distincto, tomou conta da exploração em 1892. Ao presente ha cerca de



A colheita nas vinhas de arneiro

— O sr. visconde de Coruche no seu cavallo Gerardo

— O transporte da uva em cestos, por mulheres, vestidas com os costumes locais



um milhão de bacello plantado, quasi todo em terrenos pobres, de areia, sendo uma parte de vinha americana e a outra de vinha indigena. N'estes terrenos fracos associa-se á cultura da vinha, na occasião das plantações, entré cultura arborea, a da oliveira ou a da amendoeira, e em mais pequena escala a da figueira, para que, terminada a duração da vinha, o terreno fique valorizado com outra cultura.

Em terrenos de varzea deve haver tambem uns 25 milheiros plantados a grande distancia, sem nenhuma cultura intercalar. Nos terrenos pobres a vinha está plantada bastante densa, o que se torna indispensavel para que os grandes calores do verão não esgotem muito a humidade da terra. A adubação adoptada para estes terrenos é feita com o tremço enterrado em verde.

Na Quinta Grande existem varias castas de videiras, tanto portuguezas como estrangeiras, predominando, porém, a *Fernão Pires* como casta branca, e o *Trincadeiro* como casta tinta.

Como ensaios, o sr. visconde de Coruche tem fabricado varios typos de vinhos, desde o espumoso e o generoso até aos typos de vinhos leves de pasto, brancos e claretos tintos.

As vindimas na Quinta Grande são realisadas pelo pessoal ordinario da exploração, que é numerosissimo, devido á extensão e importancia da propriedade, que é tambem um modelo sob o ponto de vista da sciencia e da arte agricolas. A faina é dura e laboriosa, mas é, igualmente, uma faina alegre, como o são sempre as tarefas ruraes, e especialmente a da vinha em toda a parte onde existe a sua cultura. E' a grande festa de Baccho, o deus pagão dos pampanos, que ainda preside a ella em espirito, podem creli-o.



Uma visita de inspecção aos trabalhos da vindima
— Transportando um cesto á cabeça—O carro para transportar os uvas para o lagar, com as mulas Francisca e Mariana atreladas.



A FESTA DA MARINHA.

A *Illustração Portuguesa* publicou já, no seu numero precedente, uma serie de photographias reproduzindo diversos aspectos do grande festival da armada realisado na bahia de Cascaes, e que constituiu, pôde dizer-se, uma completa revista da construcção naval portugueza, desde os navios de guerra até aos mais pittorescos barcos de todas as costas do continente, com as suas tripulações proprias. E a proposito, como o ensejo se oferece, parece-nos conveniente rectificar uma legenda que appareceu errada na nossa reportagem graphica da festa de Cascaes. O barco, que apparece designado, na serie dos typos de embarcações caracteristicas que apresentámos, com o nome de *Nossa Senhora da Agonia* e como sendo de Espozende, chama-se na realidade *Senhor Agonia* e é da Povoia de Varzim.

Completando a publicação feita, como dissemos, no nosso numero anterior, damos hoje, na presente pagina, as photographias representando o cofre que continha a bandeira bordada por Sua Magestade a Rainha e a *cup* de prata offerecida pelo sr. conde de Valle Flor à marinha de guerra portugueza.

O cofre, que foi construido no Arsenal da Marinha, sob a direcção do sr. engenheiro Mancellos Ferraz, é feito de pau santo, tendo caixa interior de mogno e assentando sobre quatro pés de bronze figurando tartarugas, e que foram fundidos, igualmente, no Arsenal, sob a direcção do operario inglez Frederico Spool. As incrustações da



A *cup* de prata offerecida à marinha portugueza pelo sr. conde de Valle Flor



O cofre contendo a bandeira offerecida por S. M. a Rainha

prata, que ornamentam o cofre, são da casa Christofanetti.

A *cup* offerecida pelo illustre titular sr. conde de Valle Flor era um magnifico trabalho artistico, não só de elevado merito como tambem de grande valor intrinseco.

Da festa propriamente dita escusado se nos torna naturalmente falar, visto termos já accentuado o brilho e o interesse que ella revestiu, constituindo uma das mais bellas e commovedoras manifestações da marinha nacional, sempre tão sympathica e querida da alma portugueza.

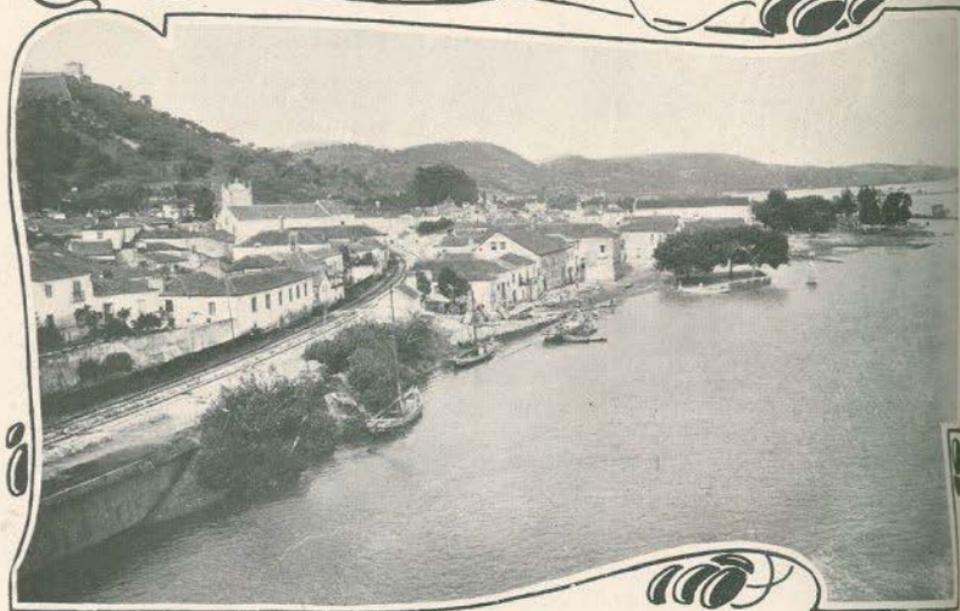
AS INUNDAÇÕES EM SANTAREM.



DEPOIS do terrivel dia de tormenta que assignalou o fim de setembro, e que tã graves consequencias produziu, não só no nosso paiz, como ainda, e mais dolorosas essas, em Hespanha, no meado do mez seguinte houve outro novo temporal defeito, acompanhado de chuva torrencial e prolongada, que em Lisboa produziu varias inundações e em Santarem desastres de maior importancia, que não assumiram, em todo o caso, felizmente, a gravidade que a principio chegou a reccear-se.

O Tejo, subindo, trasbordou para fora do seu leito e inundou a parte baixa da cidade de Santarem. Os campos marginaes do Rocio, de Alvisquer e Almeirim ficaram submersos sob a sua corrente lodosa. Com o Tejo, veio tambem collaborar a corrente caudalosa do Zezere, e só ao facto de terem sido insignificantes as cheias do Almonda e do Alviella se deve attribuir o facto afortunado de não ter sido ainda maior a catastrophe.

O espectáculo, que offereciam os campos ribatejanos alagados, vistos das Portas do Sol, era singular e estranho, como em parte dão idéa as photographias que reproduzimos, tiradas de proposito para a



O Padrão de Santa Iria

—A ribeira de Santarem, vista da ponte de Almeirim



*Em frente da Ribeira de Santarem
—A ponte de Pulhaes quasi coberta d'agua*



Ilustração Portuguesa, na ocasião em que as águas atingiram maior altura.

Sob a inundação, nos vastos campos do Rocio e de Alvisquer, ficaram bastantes vinhas em que a colheita ainda não estava realizada este



O Tejo, visto das Portas do Sol, em Santarém
— Terrenos inundados

— A ribeira de Santarém e terrenos inundados, vistos das Portas do Sol



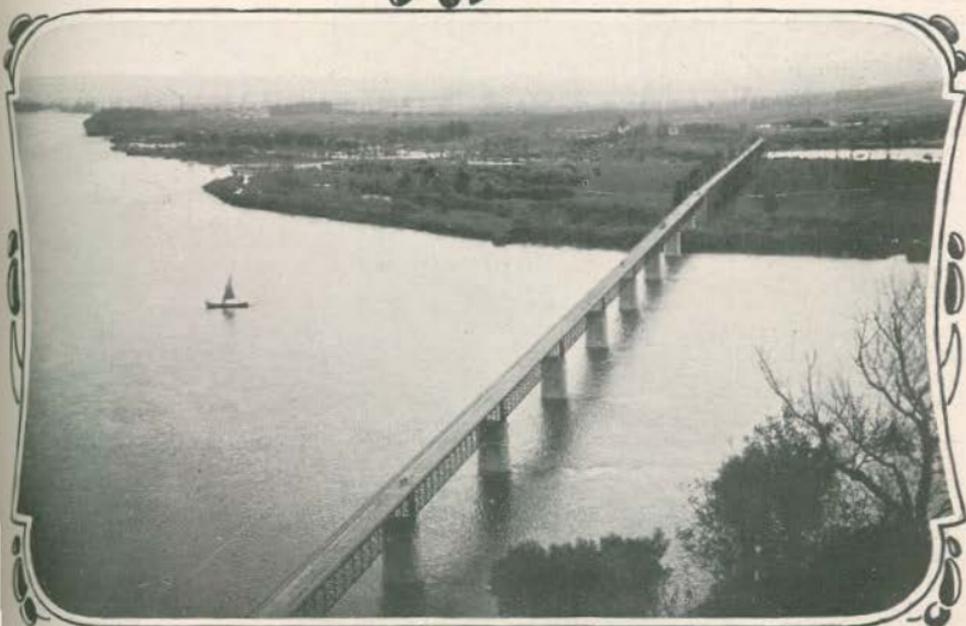
anno e que portanto soffreram prejuizos valiosos.

Em 1876 e 1900 houve em Santarem grandes inundações, que causaram enormissimas desgraças, tendo, por isso, deixado de si desoladora memoria. Por um momento chegou a ter-se o receio de que a inundaçao d'este anno podesse alcançar a mesma importancia d'aquellas, mas, por felicidade, não succedeu assim, devido principalmente



ao grande volume de agua que se precipitou na direcção da valla do Sabugaeiro.

Taes são as recordações tristes que nos deixa o inverno d'este anno, que oxalá que não accrescente a estas outras mais, antes da sua despedida definitiva. Basta já o rigor com que elle até aqui tem corrido, os temporaes de que tem sido prodigo, as inundações em diversos pontos do paiz, para nos deixar desamovavel lembrança.



*Alguns mouchões defronte da ribeira de Santarem cobertos d'agua
—A ponte de Almeirim*

(CLICHÉS DE BENOLIEL)

Modas



Era costume consagrado dos antigos folhetins, quando falavam da moda, acusar sempre o capricho feminino do seu feitiço constantemente mudavel, e ainda hoje é facil ler de vez em quando a reconstrução de alguma pagina no genero.

Não ha coisa, na verdade, que mude mais do que são as modas, e porque sejam essencialmente as mulheres que se enfeitam com ellas, é natural supô-las, pelo seu instincto innato, as culpadas das mudanças. N'este caso, porém, comete-se flagrante injustiça, que brada aos céos, assacando-lhes tal responsabilidade. Estão d'ella absolutamente innocentes, como raramente o poderão estar de qualquer outro peccado, mortal ou venial. Não ha duvida de que *souvent femme varie*; mas pelo que respeita ás modas com que ellas se arrebicam e embelezam, o facto real é que não são as mulheres e sim os homens que as variam e transformam.

Deve principiar por considerar-se, mesmo, que toda essa arte complexa, que se chama a moda, foi inventada por intenção do homem, a quem a mulher deseja agradar. Por isso, é que, em qualquer paiz, basta reparar na forma como as mulheres se vestem e na qualidade dos estofos que adaptam a esse fim, nas joias que lhes ornam o pescoço, as orelhas e os braços, para avaliar desde logo o gosto dos homens que as escolhem e o que elles misturam de sentimento artistico com o seu amor. Mas, não se trata sequer d'isso agora, sendo o caso, muito diferente.

Quem modifica as modas todas as estações, quem procura torná-las fundamentalmente diversas, não já

nas mudanças do verão, para o inverno, mas até de cada uma d'estas para as outras estações intermedias, não é de nenhum modo a mulher, mas, sim o commerciante, que vive do negocio das sedas e velludos, pelles, rendas e bordados, passa menterias, chapéus e toucas, luvas, pedras e ouro, ta-

do, emfim, com que o sexo feminino se paramenta e adereça.

E' o commercio, ansioso de ganho e de lucro, que muda constantemente as modas, aventando cada dia novos modelos de vestidos e de chapéus, que se pareçam o menos possível com os da vespera, banindo do uso elegante uns tecidos para os substituir por outros, cujo stock necessita exaurir. E o primeiro fito a que n'essas substituições se obedece, não tendo até quasi outro em vista, é apenas o de que o novo estofado e o novo figurino offereçam tão fundamental semelhança dos que os precederam, que a mais habil costureira não possa, com algum arranjo, adaptar estes aos novos feitiços e ultima moda.

O espirito das mulheres é futil, e deve dizer-se que essa, até, uma das suas mais bellas graças e gentilezas. Fica-lhes bem que o sejam, do mesmo modo que á porcelana o ser fina e fragil como é. Gostam de enfeitar-se deixam-se seduzir pela novidade, por mais exotica que ella seja. Algumas, porém, lembram-se, uma vez, de ser economicas, aproveitando de uma estação para outra este ou aquelle vestido, com uma prega mudado, um folho ou renda substituida, as modificações adequadas, emfim. Mas, n'esse bom intento trata de



Modas Rondeau: Vestido de velludo preto lavrado, com rendas bordadas a ouro

arrastar-as logo o commerciante, associado ao costureiro. Não lhes convém tal systema de vida, nem a um nem a outro.

Es ahí está o motivo verdadeiro e exacto porque as modas andam constantemente a variar, e porque os respectivos figurinos apresentam cada vez feitios e gostos radicalmente oppostos aos que ainda a vespera tinham a consagração do mundo elegante. Não foram as pobres mulheres que fizeram nada d'isso: foram simplesmente os creadores de modelos e creadores contratados pelas grandes casas dos costureiros parisienses.

Manufacturado o novo modelo de chapéu ou de vestido, torna-se preciso lançar na circulação, mostrál-o á clientella na forma que faça valorisar os seus feitios, tornando assim mais forte a tendência. Para isso ha o meio classico, que sempre magnifico resultado.

As melhores casas de modas femininas de Paris tratam de descobrir as caras mais bonitas e os corpos mais bem feitos para estrear as novas toilettes e confeccionam, exhibindo-as assim, as mais lisongeiras vantagens. A mulher franceza pode dizer-se que possui como dons naturaes a elegancia e a nobreza do corpo, o donaire em todos os gestos, o rythmo do andar; nenhuma, por isso, é capaz de ella de salientar os meritos de um grande vestido, ou de pôr em relevo a graça de um chapéu ricamente opulentado de plumas e de flores. Tão nativas e caracteristicas são essas qualidades e aptidões na franceza, e tal habilidade tem ella em exercitá-las, que até na sua lingua se creou a palavra especial para defini-lo — coquetismo,

de vestir-se bem; mas tambem não ha mulher que saiba fazel-o como a parisiense e que possua como ella a sciencia e a arte de tornar agradavel á vista, fazendo até parecer uma coisa preciosa e admiravel, o mais insignificante chiffon com que se enfeite.

Imagine-se então o que acontecerá quando é um vestido luxuoso, que ellas envergam com essa arte incomparavel de que dispõem, e um grande chapéu Gainsborough ou Lamballe que faz realçar as suas cabeças ligeiras e gentilissimas. E' simplesmente uma coisa deliciosa, um encanto raro, — a mulher que se transformou em sereia, para seduzir e empolgar, para perder sem remissão.

Comtudo, são apenas simples costureiras, pela maior parte, e por isso, as pobres, coitadinhas, que tantas invejas e cobiças despertam, são um pouco como as rainhas de theatro. Não queremos dizer que os mantos que as agasalham não sejam confeccionados das pelles mais raras e mais caras, que a seda lavrada dos seus vestidos não seja da mais pura vinda do Levante e do Oriente, ah, isso não! E' com o mais bello e o mais rico que as enfeitam e adornam. São centos e centos de mil réis que ellas trazem, a maior parte das vezes, sobre si. Mas, succede-lhes o mesmo que á gata borralheira, a quem a boa fada porporcionava as toilettes maravilhosas e a caruagem de gala para ir para o baile, e que no regresso se via forçada a vestir a saia modesta e esfarrapada de todos os dias e a varrer a casa. Tambem ellas, depois de se mostrarem gloriosas como duquezas, nas corridas, nos espectaculos, em todas as festas parisienses, tiram dos hombros as martas e zibelinas, despem os



Modas Decroll: Vestido de velludo, forma Princesa, guarnecido com bordados á mão e zibelina; plastron em renda de mão

hoje apor্তুeguezada á falta de vocabulo natural que lhe corresponda. Não ha, seguramente, mulher que não goste

de mostrar-se gloriosas como duquezas, nas corridas, nos espectaculos, em todas as festas parisienses, tiram dos hombros as martas e zibelinas, despem os

velludos preciosos, para, com os seus simples fatos habituaes, reverterem á dura pena do trabalho.

Que desillusão! Ter passado por princezas ou millionarias americanas, atrahindo a curiosidade e a admiração dos homens, provocando a emulação das mulheres; ter prendido por um momento todas as atenções de um hippodromo ou de uma sala de theatro, servido de alvo a todos os olhares no Bois; ter creado um sonho e vivido n'elle as horas de um dia, de uma semana inteira; e depois cair na realidade prosaica da vida, voltar á sua lucta constante, que deve parecer-lhes, até, mais rude d'ahi por deante. Que amargo travo para alguns d'esses corações! Para outros, mais levanos, as horas de triumpho bastarão de sobejo, e constituirá sufficiente alegria recreal-as na imaginação, depois de passadas.

Tal é o systema adoptado pelas principaes casas de modas de Paris para lançar na voga os seus novos modelos de toilettes de passeio, de theatro, de corridas, de visitas. Para as toilettes de interior, que evidentemente não pôdem fazer-se passear pelo meio da rua, o manejuim a quem cabe, por sua vez, a incumbencia de expô-las é a actriz. Em qualquer peça nova, que se desenrole no mundo aristocratico ou politico, no mundo da alta finança e do alto commercio, as actrizes que desempenham os primeiros papeis apresentam, em cada acto, vestidos e casacos novos, magnificos e de preço, que vieram direitos de casa dos costureiros mais afamados. Os movimentos mesurados, as poses correctas, os desleixos estudados, toda a sciencia do ensaiador, concorrem ahí para tornar ainda mais bellas essas requintadas obras primas da arte de vestir a mulher. Os binoculos das espectadoras detalham com avidéz todos os pormenores complicados das toilettes para esse fim exhibidas, e que a luz da ribalta mais favorece.

E' d'esta maneira habil que um novo feito de saia, uma nova adaptação de capa, principiam a ser usadas e começam a ser moda.

E' assim que o mais singular modelo de

chapéu consegue impôr-se e encetar a sua carreira de popularidade.

O commercio é que realisa todas estas mudanças, porém, sem que a mulher contribua para ella com iniciativa alguma, limitando-se a aceitar a lei tirannica que lhe é feita pelos verdadeiros senhores e reguladores da moda.

E n'estas condições, a bem dizer, a mulher é apenas uma serventuaria, quasi uma victima da moda, e não, de forma alguma, como geralmente se imagina, a sua legisladora caprichosa e inconstante. Para parecer bem, para tornar-se mais bonita, para andar na moda, transige com todas as imposições interessadas do calculo commercial, sacrificando-se muitas vezes até, e forçando ainda mais vozes o orçamento domestico a contribuições excessivas. Mas... não ha outro remedio, ou, pelo menos, assim ella o pensa.

A victima mais digna de ser lamentada, porém, talvez seja a que veste por um dever de officio todas essas toilettes luxuosas, de preço elevado,—a quem se paga para exhibil-as, em vez de ser ella quem as pague,—e que depois, quando as despe, exausta porventura de andar a mostrar-se paramentada com um aparato de emprestimo, re-



Modas Bernard:—Manto de pelle com colete bordado

gressa, desconsolidadamente, á sua vida triste de desconforto e de agrura.

MADAME BROUILLARD



Da consultas diarias das
9 da manha as 11 da noite
em seu gabinete, 43, rua
do Carmo, 43, sobre-loja.
Consultas a 15000 reis.
25500 rs. e 35000 reis.

O passado, presente e futuro
revelado pela mais celebre chi-
romante e physiologista da
Europa, Madame Brouillard.

Diz o passado e o pre-
sente e prediz o fu-
turo, com veracidade
e rapidez; é incom-
paravel em vacti-
nios. Pelo estudo
que fez das sciencias,
churumancias,
phronologia e physiognomia
e pelas applicações practicas
das theorias de Gali, La-
vater, Desbarrolles, Lambroze,
d'Arpenigney, Madame Brouil-
lard tem percorrido as princi-
pales cidades da Europa e Ame-
rica, onde foi admirada peos
numerosos clientes da mais
alta cathogoria, a quem pre-
disse a queda do imperio e to-
dos os acontecimentos que se
lhe seguiram. Fala portuguez,
francez, inglez, allemão, ita-
liano e hespanhol. *****

43, Rua do Carmo, sobre-loja

***** LISBOA *****



NOUVEAU PARFUM
PRINCIA VIOLET
 29, B^o des Italiens, PARIS



PREMIADA em varias EXPOSICIONES - FORNECEDORES da CASA REAL

PARFUM
FLORAMYE
 L.T. PIVER
 PARIS

Violet SABAO REAL
 DE THRIDACE
 PARIS "Sabon Valentine"
 - avec 2000000 de roses et de fleurs d'Alger de Bari.

A mais importante casa de AUTOMOVEIS em Portugal



ALBERT BEAUVALET & C.^a Representante de **PEUGEOT** A MAIS AFAMADA MARCA DE AUTOMOVEIS.
 PRAÇA DOS RESTAURADORES, LISBOA
 Agente em Paris: - Camille Lipman, 26, Rue Vienne

Cream of Wheat

**À VENDA EM TODOS OS ESTABELECIMENTOS
DE GENEROS ALIMENTICIOS**



*Contem todas
as propriedades nutritivas do trigo — gluten.
É delicioso em todas as idades.*

CREAM of WHEAT



*Um bom almoço
Um lanche agradável
Uma sobremesa deliciosa.*

*À venda em todos os estabelecimentos
de generos alimenticios.
M. L. DE MELLO*

Cream of Wheat

**À VENDA EM TODOS OS ESTABELECIMENTOS
DE GENEROS ALIMENTICIOS**